

A Que Ponto Chegamos!?

(Juízes 19 a 21)

Bruce McLarty

“É realmente assustador. Todos os dias você pensa que já viu o pior por aqui e acontece uma coisa dessa.¹” Estas foram as palavras de um procurador de Chicago, Kay Hanlon, após o assassinato de Eric Morris, um menino de cinco anos de idade que foi jogado de uma janela do décimo quarto andar, num conjunto habitacional em Chicago. Dois suspeitos, com dez e onze anos de idade, foram acusados pelo crime. Parece que esses meninos “mais velhos” queriam que Eric roubasse doce para eles, e quando este se recusou, eles o atiraram pela janela. O irmão mais velho de Eric, Derrick, tentou evitar e até conseguiu segurá-lo. Então, no ato mais impensável de todo esse caso impensável, um dos assassinos mordeu o braço de Derrick, forçando-o a soltar o irmão e deixar o pequeno cair quatorze andares abaixo. Sentimos uma dor no coração e nosos espíritos gemem quando, mais uma vez, nos vemos estarecidos pela violência irracional existente no mundo. Toda vez que pensamos ter visto o pior, nos surpreendemos com notícias que são ainda piores. Se você acha que já “viu de tudo” em Juízes, detesto dizer-lhe, mas o pior está por vir!

UM LEVITA E SUA CONCUBINA

Quando eu estava no primeiro ano da faculdade, tive um professor convidado da Inglaterra para a aula de “Panorama do Antigo Testa-

¹“2 admit pushing boy, 5, 14 floors to his death” (“2 admitem empurrar fatalmente um garoto de 5 anos, 14 andares abaixo”), *Arkansas Democrat-Gazette*, 15 de outubro de 1994, 3A.

mento”. Na intenção de nos ensinar o conteúdo dos primeiros trinta e nove livros da Bíblia, ele nos conduziu numa jornada página por página de narrativas e códigos de leis. Nada foi omitido até que chegássemos ao capítulo 19 de Juízes. Ainda me lembro do semblante de desconforto em seu rosto no dia que ele nos disse que os últimos três capítulos não deveriam ser comentados numa classe mista, por isso pularíamos aquele trecho na aula. (Isto significou, obviamente, que *todos* da classe leram aquela seção!) Discordo com a observação do meu professor de que esse material é impróprio para uma discussão pública, mas entendo completamente por que ele se sentia assim.

A última narrativa de Juízes não aparece nessa altura do texto porque ocorreu depois das outras histórias; ela certamente está ali porque é a demonstração mais vil, mais repugnante e mais doentia que já vimos da infidelidade de Israel! Abimeleque foi terrivelmente mal e Sansão tinha o moral de um cão; mas o drama final do Livro de Juízes diz respeito a espiral descendente de *toda* a nação de Israel!

A história começa com um levita de Efraim que tomou uma concubina de Belém de Judá. A posição social dela era semelhante à de uma esposa, mas certamente com menos direitos. Com o tempo, ela se enfureceu com ele e fugiu, voltando para a casa do pai. Quatro meses depois, o levita pegou o seu servo e dois jumentos e foi até Belém para reclamar sua concubina. Seria interessante neste momento saber as normas culturais e legais daqueles dias e o que o levita tinha de fazer para

levar de volta sua jovem mulher consigo. Em muitas culturas, até hoje, as famílias de um casal permanecem muito envolvidas com o casamento para averiguar se ambos estão sendo devidamente tratados e se permanecem fiéis aos votos. Uma das vantagens em culturas onde há uma aproximação e até uma dependência entre os familiares é que os casais com problemas conjugais muitas vezes contam com a ajuda dos parentes e não se sentem tão sozinhos.

Quando eu morava no Quênia, eu tinha um amigo que se casou nos moldes típicos africanos, pagando à família da noiva um dote que consistiu em várias cabras, uma vaca e uma soma em dinheiro para se casar com ela. Porque o meu amigo, mais tarde, mostrou-se um marido inadequado que negligenciava suas responsabilidades e gastava a maior parte do dinheiro com cerveja, a mulher dele voltou para a casa dos pais. Quando ele foi chamá-la de volta, os anciãos da vila lhe disseram que, por tê-la tratado mal, era óbvio que ele não havia pago o suficiente por ela na primeira vez. Conseqüentemente, eles mandaram que meu amigo pagasse ao pai dela um valor ainda maior em dinheiro e animais para levá-la de volta.

Numa cultura muito diferente dessa, mas com um efeito semelhante, pouco antes de nos casarmos, meu pai disse uma coisa para a minha mulher para fazê-la saber que a nova e extensa família dela faria o que fosse preciso para garantir que ela fosse bem tratada. Presenteando-a com um pesado rolo de macarrão (de brincadeira — penso eu), meu pai disse a ela na minha presença: “Eu sei que tipo de filho Bruce é, mas não sei que tipo de marido ele vai ser. Ann, se ele alguma vez encostar a mão em você por raiva, me deixe saber!” De início, eu fiquei ofendido. Como ele poderia duvidar de mim? Com certeza, eu nunca tinha lhe dado motivo para dizer aquilo! Agora, tendo duas filhas, vejo as coisas sob uma luz diferente. Oro para que minhas filhas tenham sogros que lhe digam as mesmas coisas algum dia. Se elas não ouvirem isso das famílias dos seus maridos, garanto que ouvirão de mim!

Qualquer que tenham sido os detalhes da negociação entre o levita e o sogro, a relação foi reatada e o levita se preparou para voltar para casa. A concubina parece ter sido uma participante silenciosa de todos os procedimentos. Procuraríamos em vão alguma coisa que ela tenha

dito em toda a história! Após cinco dias de “comer e beber”, o levita, seu servo, seus dois jumentos e sua concubina começaram a viagem de volta para Efraim. Tendo partido insensatamente no final da tarde, tiveram de passar a noite numa das cidades que ficava no caminho. O servo queria parar em Jebus (que mais tarde virou Jerusalém), mas o levita rejeitou a idéia, dizendo: “Não nos retiraremos a nenhuma cidade estranha, que não seja dos filhos de Israel...” (19:12). Eles foram para Gibeá em Benjamim, aonde chegaram quando já estava escuro, sentaram-se na praça e esperaram alguém que lhes oferecesse uma pernoite.

Um velho que morava na cidade viu os viajantes quando voltava para casa do trabalho no campo. Ciente dos perigos que enfrentariam se passassem a noite ali, ele os convidou para a sua casa, onde os alimentou e cuidou de seus animais. Então, o pesadelo começou. Homens perversos da cidade cercaram a casa e começaram a bater na porta dizendo: “Traze para fora o homem que entrou em tua casa, para que abusemos dele” (19:22). Os homossexuais violentos dessa história demonstraram até que ponto a moralidade havia decaído em Israel. Por se tratar de um assunto controverso na sociedade moderna, gostaria de fazer uma pausa na história do levita para fazermos algumas reflexões sobre essa questão.

TRÁGICA HOMOSSEXUALIDADE

Alguns anos atrás, liderei um grupo de apoio a universitários com dificuldades para lidar com a homossexualidade na vida de algum amigo. Para alguns, o homossexual era seu melhor amigo; para outros, era o pai ou um irmão. Nossos encontros semanais eram ótimas experiências, apesar de dolorosas. Com o passar do tempo, o grupo até atraiu algumas pessoas que estavam enfrentando o mesmo dilema em suas vidas. Encontraram ali um ambiente em que eram amadas, entendidas e incentivadas, embora os demais fossem categórica e firmemente contra o comportamento homossexual. Desde essa experiência, tenho conhecido muitas pessoas que lutam contra a atração por um indivíduo do mesmo sexo. Tenho um profundo amor e paciência com irmãos e irmãs que estão tentando viver vidas puras e que me dizem: “Oro todas as noites antes de dormir para acordar heteros-

sexual". Creio que sensações homossexuais e comportamento homossexual não são a mesma coisa. Creio que todos os homossexuais merecem o nosso amor, porque Deus os ama. Os homossexuais presenteiam a igreja com um dos maiores desafios para se "amar o pecador e não o pecado". Precisamos evitar o abismo mortal do ódio de um lado e do compromisso moral do outro lado. Tanto viver como um homossexual quanto ridicularizar ou menosprezar um homossexual são atitudes que devem ser expressamente evitadas pela comunidade de cristãos.

Contra essa terrível falta de amor, paciência e perdão, é preciso enfatizar que o comportamento homossexual é uma perversão da natureza humana criada por Deus e é um sinal de depravação moral. Quando Paulo descreveu a iniquidade do mundo gentio, ele usou o comportamento homossexual como um indicador chave. Ele escreveu a respeito de pessoas que tinham rejeitado Deus e ignorado a verdade, dizendo:

Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contacto natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro (Romanos 1:26, 27).

Essa descrição não é abstração teológica; é uma descrição precisa do comportamento homossexual. Não é um "estilo de vida alternativo"; é uma maneira perversa, destrutiva e geralmente violenta de se viver!² Com respeito aos detalhes desta história, sinto-me muito parecido com o meu professor do Antigo Testamento: só dá para ler esta história na privacidade das nossas casas.

Entretanto, a generalizada perda de moral da comunidade homossexual precisa ser conhecida por uma sociedade que parece pronta para apoiar o comportamento homossexual como se tratasse simplesmente de uma preferência pessoal. Num excelente artigo publicado em *Christianity To-*

day, Stanton L. Jones escreveu o seguinte:

...a homossexualidade masculina tende a estar fortemente associada a promiscuidade: o famoso estudo de Ball e Weinberg (*Homossexualidades*) sugeriu que cerca de um terço dos homossexuais têm mais de 1.000 companheiros sexuais durante toda a vida. Poucos homossexuais têm relacionamentos duradouros, com compromisso; Ball e Weinberg descobriram que menos de 10 por cento dos homossexuais estão envolvidos em relacionamentos desse tipo. Os que estão envolvidos em relacionamentos estáveis não tendem a ser sexualmente monógamos. McWhirter e Mattison (in *O Casal Gay*) descobriram que zero por cento dos 100 casais de homens homossexuais que eles analisaram eram monógamos depois de estarem juntos cinco anos.³

O que a sociedade moderna denomina de opção sexual, numa análise mais profunda, revela uma triste tragédia.

DE VOLTA À HISTÓRIA

Enquanto os homens da cidade continuavam a bater na porta, exigindo que o dono da casa lhes entregasse o hóspede para "abusarem" sexualmente dele, o anfitrião saiu para fora e tentou negociar com o grupo. Num ato de hospitalidade oriental que nos causa espanto e náuseas ao mesmo tempo, ele ofereceu aos homens sua filha virgem e a concubina do levita para se divertirem, contanto que deixassem o levita em paz. Como não foram embora, o levita agarrou a concubina e a atirou ao grupo de loucos por sexo.

...e eles a forçaram e abusaram dela toda a noite até pela manhã; e, subindo a alva, a deixaram. Ao romper da manhã, vindo a mulher, caiu à porta da casa do homem, onde estava o seu senhor, e ali ficou até que se fez dia claro (19:25, 26).

Na manhã seguinte, o levita, uma das figuras mais covardes e deploráveis de toda a Bíblia, saiu para fora e deu com a concubina aos pés da porta. Inicialmente, não percebendo que ela estava morta, ordenou insensivelmente: "Levanta-te, e vamos" (19:28). Descobrimo que ela estava morta, colocou o corpo da mulher sobre um de seus jumentos e continuou sua

²Steve Farrar, *Point Man* ("Homem de Frente"). Portland, Ore.: Multnomah, 1990, pp. 124-25. F. LaGard Smith, *Sodom's Second Coming* ("A Segunda Vinda de Sodoma"). Eugene, Ore.: Harvest House Publishers, 1993, pp. 101-15.

³Stanton L. Jones, "The Loving Opposition" ("A Oposição Amorosa"), *Christianity Today*, 19 de julho de 1993, p. 23.

viagem de volta para casa.

Por mais maligna e trágica que seja a história até aqui, ela ainda tem um final pior. Quando o levita chegou em casa, ele pegou o corpo da concubina e o mutilou em doze pedaços, enviando um pedaço a cada região de Israel. A resposta de Israel soa muito mais parecida com o que sai de nossos lábios quando ouvimos que um menino de cinco anos foi jogado da janela de um apartamento:

Cada um que a isso presenciava aos outros dizia: Nunca tal se fez, nem se viu desde o dia em que os filhos de Israel subiram da terra do Egito até ao dia de hoje; ponderai nisso, considerai e falai (19:30).

Na linguagem dos nossos dias, eles exclamaram: “A que ponto chegamos!?”

Os dois capítulos restantes relatam a repercussão do estupro, assassinato e mutilação da concubina. As demais tribos de Israel se levantaram contra a tribo de Benjamim, em cuja terra ocorrera aquela atrocidade. Os benjamitas arrogantes se recusaram a delatar os culpados do absurdo, de modo que irrompeu uma guerra civil. Apesar de estarem em desvantagem numérica (26.000 contra 400.000), os benjamitas apresentaram uma corajosa resistência mas foram, no final, vencidos, sobrando apenas 600 homens de toda a tribo! Quando o restante de Israel se tranqüilizou e caiu em si, perceberam que haviam feito algo terrível. Arrepentidos, empenharam-se em arranjar esposas para os benjamitas sobreviventes. Na intenção de “consertar” a situação, eles simplesmente multiplicaram as mortes e a maldade na terra. Todo o lamentável Livro de Juízes chega a um final com o conhecido refrão que ocorre quatro vezes nos últimos cinco capítulos: “Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto” (21:25).

CHEGA!

O ser humano tem a estranha habilidade de adaptar-se às circunstâncias e, em pouco tempo, aceitar tudo como sendo “normal”. No mundo atual, temos aceitado como “normais” os complexos sistemas anti-roubo em nossas portas, a presença de policiais em nossas escolas e câmeras de segurança em nossos estacionamentos. A vida segue o seu curso mais ou

menos, até que, de vez em quando, alguma coisa acontece para nos tirar da dormência e fazer nossas almas exclamarem: “Chega! Isto tem que parar!”

O levita patético e a história trágica de sua concubina deixou Israel com essas mesmas palavras nos lábios. Este último episódio de Juízes apresenta, como observou certo escritor, “o ponto moral mais baixo da história de Israel até aquele momento”⁴. O sonho de Israel havia fracassado. A teocracia estava no fim, mas esse fracasso não foi resultado da invasão estrangeira nem do colapso na economia e, sim, da infidelidade de um povo teimoso e volúvel, que provou não ser funcional a idéia de “uma nação governada por Deus”. Israel precisava de um rei. Assim, Juízes prepara o palco para Saul⁵, Davi e Salomão, demonstrando que até um mau rei talvez fosse melhor do que o completo caos social que assolava a terra.

CONCLUSÃO

As implicações de tudo isto para a nossa sociedade são amedrontadoras. Está chegando o dia em que trocaremos com alegria a nossa liberdade por segurança? Charles Colson advertiu sobre as conseqüências horríveis do caos que está se formando hoje. Ao escrever sobre a necessidade crucial de cultivarmos a consciência na sociedade de hoje, ele afirmou:

A tarefa é urgente. Se não aprendermos a cultivar a consciência — se a verdade continuar sendo afastada — então a tirania com certeza ganhará terreno. Para acabar com a guerra de todos contra todos, o estado terá de desembainhar o poder da espada contra cada cidadão.

E o mais triste é que isso virá como um alívio esperado.⁶

Será que terminaremos como Colson previu, ou nos voltaremos para Deus com um arrependimento genuíno, antes que seja tarde demais?

A noção de que o caos hoje pode nos deixar à espera de um rei não é de toda uma má notícia.

⁴E. John Hamlin, *Judges: At Risk In the Promised Land* (“Juízes: Perigo na Terra Prometida”). Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1990, p. 159.

⁵Uma ironia desta história é que o primeiro rei de Israel viria não só da tribo de Benjamim, mas também da cidade de Gibeá!

⁶Charles Colson, “Begging for Tyranny” (“Implorando por Tirania”). *Christianity Today*. 7 de março de 1994, p. 80.

De fato, poderia ser o sinal mais poderoso para a nossa terra hoje. Quando a situação fica ruim demais, as pessoas começam a esperar um libertador. Mesmo se estivermos vivendo “o fim dos tempos”, é doloroso termos consciência das limitações da nossa sociedade. Nenhum governo é capaz de “consertar” o que está errado com a raça humana. Estas verdades são inegáveis:

Nenhum governo é capaz de fazer as pessoas serem boas.

Nenhuma economia é capaz de gerar amor no coração de um ser humano.

Nenhum presidente é capaz de dar sentido à vida.

Nenhum partido político é capaz de deixar as famílias mais fortes.

Nenhuma prosperidade é capaz de esclarecer o mistério da morte.

Resta-nos admitir que precisamos de algo mais. Precisamos de um rei! A presente crise pode, e para muitos ela fará isto, abrir uma porta para as boas novas de Jesus, o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Só Ele pode salvar as nossas almas, as nossas famílias as nossas cidades e a nossa nação. Assim como Ele andou num mundo de dor e ódio, decadência e morte, levando amor, esperança, consolo e salvação cerca de dois mil anos atrás, hoje Ele também pode trazer o mesmo tipo de cura para uma terra ferida. No final de

Juízes, a única coisa que restava aos israelitas era voltar para casa (21:24) e pensar: “Onde este mundo vai parar?” Você e eu estamos numa situação bem diferente. Sabemos a resposta. Nós temos um Rei! Há boas notícias na terra! Podemos lamentar pela violência e pela falta de piedade no mundo em que vivemos, mas não “nos entristecemos como os demais, que não têm esperança” (1 Tessalonicenses 4:13). Não é hora de encolhermos as mãos. Não é hora de desespero. Sabemos “aonde este mundo vai chegar”. Filipenses 2:10 e 11 nos diz que está próximo o dia em que se dobrará “todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua” confessará “que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai”.

Hebreus 12:2

“Olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus.”

Tendo um Rei que trará ordem ao caos em que vivemos, podemos erguer as cabeças — mesmo que o mundo seja tragado por uma espiral descendente! □

©Copyright 2004, 2006 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS